UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Sirlene Lopes de Miranda

A construção cultural do *Self* em um contexto de execução penal de metodologia
alternativa

São Paulo
2018

SIRLENE LOPES DE MIRANDA

A construção cultural do *Self* em um contexto de execução penal de metodologia alternativa

Versão original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o grau de Doutora em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães

São Paulo

2018

Nome: Miranda, Sirlene Lopes de

Título: A construção cultural do *Self* em um contexto de execução penal de metodologia alternativa

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obter o título de Doutora em Ciências.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir viver esse momento tão importante para mim, de concretização do doutorado em Psicologia.

Ao Danilo Silva Guimarães, por me orientar em todo o trabalho de construção do projeto, execução da pesquisa e escrita da tese, e pelas trocas dialógicas mantidas nesse processo de construção de conhecimento acerca do tema de minha tese.

Ao meu querido marido, Edson Mendes de Araujo, pelo companheirismo nesse período intenso de estudos, pela compreensão pelos finais de semana em que estava em Minas Gerais, realizando as visitas à Instituição, necessárias à pesquisa.

Aos meus queridos animais, Fredinho (in memoriam), Sarah e Princesa, pelos dias e noites de companhia no escritório, enquanto eu escrevia a tese.

À minha querida irmã, Lenir Lopes Costa, pela torcida e apoio incondicional em todos os momentos de meu doutorado.

Ao meu querido irmão, Itamar Lopes de Miranda, pela força e encorajamento em meio às adversidades.

À minha sobrinha, Viviane Lopes Costa, pelo incentivo e auxílio na edição das figuras da tese.

Aos meus demais sobrinhos, em especial, Francis Júnior Teixeira de Miranda, Anna Laura Teixeira de Miranda e Luiz Paulo Lopes Costa, pelo carinho e apoio.

À Elaine Aparecida Teixeira de Miranda, José Claudio Costa e Renan Paulino Alves Guimarães, pelo apoio e eterno incentivo.

Aos meus eternos amigos, Edmilson Silva, Sirlene Maria de Sousa, Irani Barbosa, Geraldo Barbosa, Juliana Cristina Barbosa, Wilson Donizete Antero, Leila Adriana Borges, Aparecida Borges e Elza Miranda, pelo apoio incondicional.

Agradeço com muita saudade à professora de direito penal, Ana Lúcia Rodrigues Costa (in memoriam) pelas contribuições em minha formação acadêmica. Ainda retomo à memória, sua luta contra violação dos direitos humanos e sua trajetória na implantação do método APAC. Relembro que na ocasião de seu velório, a Instituição permaneceu vazia por várias horas, mas não foi por fuga coletiva, e sim, porque todos os recuperandos do regime fechado e semiaberto estavam se despedindo de você e prestando a última homenagem, sem algemas, cena que para mim adquiriu uma função simbólica, pois você havia mantido inúmeras negociações com o Tribunal de Justiça para fossem concedidas saídas sem escoltas e sem uso de algemas aos recuperandos.

Ao querido professor, advogado e psicólogo, Daniel Augusto dos Reis (in memoriam) pelo compartilhamento de experiências profissionais em Psicologia Jurídica. Sua recente partida me traz muito pesar, mas a certeza de um legado de conhecimento a todos nós que foi deixado.

Ao desembargador de Justiça, Joaquim Alves de Andrade, por favorecer meu contato com a política pública denominada “novos rumos na execução penal” durante minha graduação em Psicologia, que, na ocasião, era ainda recente.

Ao diretor da Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC), Valdeci Antônio Ferreira, pela recepção e contribuições acerca da assessoria prestada para as unidades do método APAC de execução penal.

Aos membros da diretoria da APAC que sediou o estudo de caso, por autorizarem a realização da presente pesquisa, meu acesso e permanência nos três respectivos regimes de cumprimento de pena, fechado, semiaberto e aberto.

Aos membros das diretorias das demais unidades do método APAC visitadas, pela autorização de acesso, convite para permanência como hóspede na unidade feminina e a concessão de informações acerca da Instituição.

Aos participantes da pesquisa, que tanto contribuíram com meu trabalho. Sem a colaboração e aceite destes meu trabalho não seria possível.

Aos funcionários e voluntários da APAC, pela recepção e acolhimento.

Ao Dr. Ramiro German Gonzalez Rial, pelas contribuições teórico- metodológicas que potencializaram avanços em meu texto.

Ao Dr. Djalma Francisco Costa Lisboa de Freitas, pelas contribuições teórico- conceituais agregadas ao meu texto durante as discussões no grupo de estudo.

Aos professores Dr. Gustavo Martineli Massola e Dra Livia Mathias Simão, pela participação em minha banca de qualificação, com contribuições relevantes para prosseguir com meu trabalho de pesquisa.

À minha colega, Flaviana Rodrigues de Sousa, pelo incentivo e sugestões realizadas ao longo das discussões grupais sobre este trabalho.

À minha colega de mestrado e doutorado, Flávia Meneses Duarte, pela parceria e compartilhamento de conhecimento.

Aos demais colegas do laboratório de “Interação verbal e construção de conhecimento”, pelas contribuições ao meu trabalho, em especial Douglas kawaguchi, Hércules Morais, Marcos Sant’ana, Marcel Lopes, Daniel Vas, Marília Benedito, Dario, David Borges Florsheim, Hernán Sánchez, Larissa Laskovski, Nilson Guimarães, Vivian Volkmer, Paula Franciuli e Juliano Casimiro.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa.

Aos funcionários da Universidade de São Paulo, em especial da Secretaria do Departamento de Psicologia Experimental, Fátima e demais; e aos funcionários da biblioteca, pelo apoio.

Aos porteiros do Instituto de Psicologia e demais profissionais da manutenção, limpeza e informática.

Aos profissionais da área de alimentação do Instituto de Psicologia, Rogério, Tia Shirley e Tânia, pela recepção nos intervalos das aulas e atividades no Instituto de Psicologia.

Aos meus pais, Amador Rodrigues de Miranda e Maria José Rodrigues.

Aos meus colegas professores/professoras, profissionais da Universidade Municipal de São Caetano do Sul/SP, pelo incentivo, em especial, Tânia Fator, Nirã dos Santos Valentim, Ivete de Souza Yavo, Maíra Mendes Clini, Tiago André Alves da Rocha, Lideli Crepaldi (in memoriam), Valquiria da Silva Stafocher, Adelsi da Graça Furtado Fernandes, Karen Francis Belomo Ringis, Luciane Martinelli, Irene Cantero Barone, Mara Solange da Silva Amaral, Kátia Pavani Gomes, Regina Albanese Pose, Eduardo de Camargo Oliva, José Antônio Paganotti, Luiz Vieira da Costa, Mauro Edgard Favoretto, Alessandra Preto Bitante, Alessandra Nabeiro Minciotti, Carlos Alexandre Felício Brito, Ivo Ribeiro de Sá, Nelson Afonso Thomaz, Silvia Gattai, Rosana Marçon da Costa Andrade, Estela Cristina Bonjardim, Antônio Carlos Gil, Cristiane Vieira de Mello, Júlio César Hidalgo, Otacílio Pedro de Macedo, Tais Cecília dos Santos Lima de Clares, Robinson Henriques Alves, Patrícia Maria Villa Lhacer, Luciano Vieira Alves, Jorge Luis Carvalho Simões, Helio Ivan Jonas de Souza, Robinson Nicácio de Miranda. E aos funcionários, Casimiro Enedino de Sousa, Filomena A.parecida Alvarez, Neuza Montovanelli, Maria Aparecida Vicente dos Santos, Maria Inês Cremonesi, Nanci Cristina Alves Escudeiro e Silvia Trovatti Mamud.

Aos meus alunos e alunas dos cursos de Direito e Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Aos meus professores/professoras e colegas dos cursos de especialização e de graduação da PUC Minas, que participaram de minha formação e construção enquanto psicóloga e pesquisadora.

E à todos os professores (as) e pesquisadores (as) com os quais pude estabelecer diálogos ao longo de minha formação.

Enfim, a todos e todas que contribuíram diretamente ou indiretamente para a concretização desta tese, citados ou não neste texto, o meu eterno agradecimento.

RESUMO

Miranda, S. L. (2018). *A construção cultural do Self em um contexto de execução penal de metodologia alternativa* (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa objetiva descrever as implicações da vivência institucionalizada na construção cultural do *Self* em um sistema prisional no qual a pessoa assume uma dupla posição: cumpre sua pena, mas também participa da administração da instituição penal, como responsável pela segurança. A pesquisa foi realizada em duas fases: 1) uma discussão teórico-metodológica a partir da noção de multiplicação dialógica (Guimarães, 2013); e 2) um estudo de caso na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - APAC, método alternativo de cumprimento de pena privativa de liberdade que prescinde de presença policial e compartilha a administração com a comunidade local. A participação observante (Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011), enquanto recurso metodológico para o estudo de caso foi utilizada para descrever e analisar as relações concretas no âmbito da Instituição penal APAC. Realizei 12 visitas à Instituição para observar como se davam as relações interpessoais, bem como uma visita a duas unidades de referência do método APAC e à Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados, órgão fiscalizador das APAC's. Efetuei o registro das informações em um diário de campo. Dezoito pessoas participaram da pesquisa, perante consentimento prévio. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas em áudio e transcritas em sua íntegra para o posterior processo de análise dialógica interpretativa dos enunciados. A partir das informações levantadas na pesquisa, elaborei um protocolo de análise pelo qual identifiquei antinomias e aspectos expressivos (Wertsch, 1993) que emergiram das experiências vividas com os participantes em três campos-tema (cf. Spink, 2003) selecionados para análise, relações interpessoais, relações intrapessoais, e relação APAC-sistema prisional convencional. Cada contexto de convívio interpessoal apresenta um sistema de valores distinto que baliza múltiplas trajetórias de ação (cf. Boesch, 1991) para a pessoa. Então, qual o papel que a Instituição APAC ocupa na construção cultural do *Self* da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade? Observamos a construção de sistemas de valores, que passam a orientar as ações no presente e em relação

ao futuro iminente, que canalizam a construção pelo *Self* de posicionamentos e reposicionamentos enquanto tentativas de elaborar tensões dialógicas experimentadas pelos participantes. E o *Self* se desenvolve como uma possibilidade de organização das múltiplas trajetórias de ação disponíveis por meio das ações simbólicas. A análise dialógica dos dados aqui proposta nos guia para uma compreensão que a pessoa que cumpre pena no método APAC reconstrói suas vivências na sociedade e no presídio em memórias transformadas, em uma síntese criativa das antinomias emergentes da experiência e em uma hierarquia de sentidos afetivo-cognitivamente organizados. Como desdobramento da pesquisa, proponho um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contemple as dimensões institucionais, uma noção preliminar, a ser aprofundada em estudos posteriores- o *Self Institucional*, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais no contexto institucional.

Palavras-chave: *Self*, Vivência Institucionalizada, Multiplicação Dialógica, Antinomias, Execução Penal.

ABSTRACT

Miranda, S.L. (2018). The cultural construction of the *Self* in a context of penal execution of alternative methodology (Doctoral Thesis), Psychology Institute, University of São Paulo, São Paulo.

This research aims to describe the implications of the institutionalized experience in the cultural construction of the *Self* in a prison system in which the person assumes a double position: he fulfills his sentence, but also engages in the administration of the penal institution, as one responsible for the security. The research was developed in two phases: 1) a theoretical-methodological discussion based on the notion of the dialogic multiplication (Guimarães, 2013); and 2) a case study in the Protection and Assistance to Convicts Association - APAC, an alternative method of serving a custodial sentence that dispenses the police presence and shares administration with the local community. The observational participation (Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011), as a methodological resource for the case study was used to describe and analyze the concrete relations within the scope of the APAC Criminal Institution. I've visited the Institution 12 times to observe how the interpersonal relations were given, and I visited another two reference units of the APAC method and the Brazilian Fraternity to Convicts Assistance, APAC's inspection body. I recorded the information in a field diary. Eighteen people formed the corpus of the research, with prior consent. The semistructured interviews were recorded in audio and fully transcribed for the subsequent process of interpretative dialogical analysis of the statements. From the information collected, I developed a protocol of analysis in which I identified antinomies and expressive aspects (Wertsch, 1993) that emerged from the experiences with participants in three subject fields (Spink, 2003) selected for analysis: intrapersonal relations, interpersonal relations and APAC relationship-conventional prison system. Each context of interpersonal living presents a distinct value system that targets multiple action paths (cf. Boesch, 1991) for the individual. So, what role does the APAC Institution play in the cultural construction of the *Self* of the person who is serving custodial sentence? We observe the construction of value systems, which guide the actions in the present and regarding the imminent future and lead the construction by the *Self* of positioning and repositioning as attempts to elaborate the dialogical tensions experienced by the participants. And the *Self* works as an organizational possibility of the multiple paths of action available through symbolic actions. The dialogical analysis of the data proposed here guides us to an understanding that the condemned person in the APAC method reconstructs his experiences in society and prison by transforming memories, in a creative synthesis of the emerging antinomies of experience and in a

hierarchy of affective-cognitively organized. As a result of the research, I propose a theoretical construct in the dynamics of *Self*, understanding that it contemplates the institutional dimensions, a preliminary notion, to be deepened in later studies - Institutional *Self*, as a way of subjectivation and establishment of intra and interpersonal relations which is guided by an articulation between historical, cultural and affective-relational aspects in the institutional context.

Keywords: *Self*, Institutionalized Experience, Dialogical Multiplication, Antinomies, Criminal Execution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trajetória de elaboração semiótica da minha experiência enquanto pesquisadora no campo institucional (adaptado de Guimarães, 2013)	22
Figuras 2 - Pátio do regime semiaberto intramuros, mostrando o jardim da área reservada para a visita dos familiares.....	93
Figura 2.1 - Pátio do regime semiaberto intramuros, mostrando o muro com cercas elétricas	94
Figura 3 - As pessoas em cumprimento de pena e suas interlocuções com os demais membros institucionais em perspectiva (adaptada de Achatz & Guimarães, 2016).....	98
Figura 4 - Logo do Método APAC.....	103
Figura 5 - Fábrica de blocos do regime semiaberto intramuros mostrando a tela que separa a APAC do aterro sanitário.....	106
Figura 6- Sintonizações rítmicas entre os contextos institucionais APAC e Execução Penal Convencional e a emergência das paredes semióticas (adaptado de Guimarães & Nash, submetido).....	139
Figura 7 - <i>Self</i> , “como é” e “como se” entre a realidade pessoal e a realidade socialmente compartilhada no campo institucional APAC (adaptado de Moraes & Guimarães, 2015).....	145
Figura 8 - Experiência institucionalizada da vida cotidiana.....	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 _ Princípios fundamentais constituintes do método de execução penal APAC.....	36
Tabela 2_ Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “Relações Interpessoais”	67
Tabela 3_ Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “Relações Intrapessoais”	82
Tabela 4 _ Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “experiência construída na relação APAC-sistema prisional convencional”	87

LISTA DE SIGLAS

APAC	Associação de Proteção e Assistência aos Condenados
CR	Centro de Reintegração
CSS	Conselho de Sinceridade e Solidariedade
FBAC	Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados
INFOPEN	Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
LEP	Lei de Execução Penal
PFI	<i>Prision Fellowship International</i>
SAP	Secretaria de Administração Penitenciária
SSP	Secretaria de Segurança Pública
SIC	Transcrição literal da narrativa do entrevistado, mesmo com erros de português.
SUAPI	Subsecretaria de Administração Prisional
TJMG	Tribunal de Justiça de Minas Gerais

Sumário

1 PERCURSO PESSOAL E A FORMULAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	28

1 PERCURSO PESSOAL E A FORMULAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Esta pesquisa objetiva descrever as implicações da vivência institucionalizada na construção cultural do *Self* em um sistema prisional no qual a pessoa assume uma dupla posição: cumpre sua pena, mas também participa da administração da instituição penal, como responsável pela segurança. Ao longo das páginas que se seguem, defenderei que a pessoa que cumpre pena no método APAC reconstrói suas vivências na sociedade e no presídio em memórias transformadas, em uma síntese criativa das antinomias emergentes da experiência e em uma hierarquia de sentidos afetivo-cognitivamente organizados. E, como desdobramento da pesquisa, proponho um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contemple as dimensões institucionais, uma noção preliminar, a ser aprofundada em estudos posteriores- o *Self Institucional*, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais no contexto institucional.

O interesse em estudar o contexto da execução penal emergiu de minha experiência durante a graduação em Psicologia no ano de 2005 quando tive a oportunidade de acompanhar a implantação da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) em uma cidade do interior de Minas Gerais. Trata-se de uma entidade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, que objetiva prestar apoio às pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade, método que prescinde de presença policial e escoltas armadas.

Atuei nessa Instituição como estagiária da Pastoral na Universidade (um departamento da PUC - Minas que organiza e auxilia os projetos sociais e de extensão universitária) durante o período de 2005 a 2008, e auxiliei a organização da APAC como co-fundadora. Posteriormente, trabalhei como profissional voluntária até o ano de 2012, sendo membro do Conselho Deliberativo (Conselho de planejamento administrativo) e uma das primeiras voluntárias a participar das audiências públicas e de ações em conjunto com a comunidade local para viabilizar o método APAC de cumprimento de pena, a partir da validação dessa proposta pelo Tribunal de Justiça e da realização da eleição para compor a primeira equipe de

direção da APAC (membros voluntários da sociedade civil que administram a Instituição em conjunto com o sistema de Justiça).

Durante sete anos de experiência profissional preliminar, percebi, no relato das pessoas em cumprimento de pena e dos demais membros da Instituição, conflitos na rede de relações que compõe esse sistema prisional, observações que me despertaram o interesse em estudar como essas relações interpessoais se dão em um contexto de execução penal em que a pessoa assume uma dupla posição: cumpre sua pena e também trabalha na instituição penal, como responsável pela segurança e membro coparticipante da gestão administrativa: as pessoas em cumprimento de pena possuem as chaves do sistema prisional e participam de atividades operacionais, administrativo-financeiras e de vigilância da própria Instituição.

Apresentei, no início do doutorado uma proposta de pesquisa empírica para discutir a representação social da Instituição APAC a partir da análise de enunciados de seus membros, funcionários, pessoas em cumprimento de pena, diretoria, conselho deliberativo, juízes e idealizadores do sistema prisional APAC, e como essa representação se articulava aos possíveis conflitos vivenciados nas relações interpessoais e na subjetividade das pessoas que cumprem pena privativa de liberdade. Posteriormente, meu objetivo sofreu mudanças e optei por um estudo de caso que contemplasse não apenas entrevistas com as pessoas envolvidas nesse sistema prisional, mas também uma experiência concreta minha, enquanto pesquisadora, no contexto institucional a partir de visitas periódicas à Instituição, que pudesse ampliar minhas percepções para além da minha experiência prévia com a APAC, e das representações trazidas nas falas das pessoas. Busquei realizar uma pesquisa que contemplasse um estudo sobre a construção cultural do *Self* da pessoa que cumpre pena nessa metodologia alternativa de execução penal.

Como eu já possuía vivências preliminares com a Unidade APAC selecionada para estudo, possuía também informações privilegiadas, desde a fundação desta Instituição, que compreendo ter favorecido o processo de construção de um vínculo de confiança com os participantes da pesquisa. No entanto, a novidade emerge da distinção entre ‘a experiência que foi’ e ‘a experiência que deveria ter sido’, ou seja, entre as expectativas prévias do pesquisador e o que de fato foi vivenciado em campo, ruptura que promove a emergência do significado, da criação e do novo na produção do conhecimento.

A abordagem teórico-metodológica selecionada para a presente pesquisa se situa no campo Psicologia Cultural, em sua vertente semiótico-construtivista, uma perspectiva de pesquisa que emergiu a partir dos estudos sobre os sentidos presentes nas relações eu-outro-mundo significativas (Simão, 2015, p.xi). A área se dedica, dentre outros temas, a compreender as relações que se dão entre: o eu e o outro em um mundo sensível; os aspectos intra e intersubjetivos constitutivos da pessoa e as negociações e trocas dialógicas que tomam parte nesse processo; aspectos que tocam e guiam a presente pesquisa. Dentro dessa área, focalizei a noção de multiplicação dialógica (Guimarães, 2013) enquanto um recurso teórico e conceitual para esta discussão, uma noção que se articula à filosofia Bakhtiniana da linguagem, à filosofia da alteridade de Lévinas e às contribuições do perspectivismo ameríndio em Antropologia (Viveiros de Castro, 1996; 2004; 2006; Lima, 1996).

O Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia foi proposto originalmente por Simão (2005/2010) numa articulação teórica que envolve as psicologias de Ernest Boesch (teórico que propôs a teoria da ação simbólica, na qual se inclui alguns conceitos, tais como o potencial de ação e os recursos simbólicos), Jaan Valsiner (que traz proposições acerca da Psicologia Cultural, tais como campo cultural heterogêneo, mediadores e reguladores semióticos dos afetos), e Ivana Marková (que discute a tríade dialógica a partir da teoria das representações sociais de Moscovici). Essas psicologias estabelecem um diálogo com proposições hermenêuticas de Gadamer (em especial a noção de ciclo hermenêutico); as noções do dialogismo e alteridade de Bakhtin; e ainda contribuições de fenomenólogos como Bergson, Merleau-Ponty e Lévinas. Dentre os autores clássicos de psicologia, o diálogo da área se dá, predominantemente, com as reflexões de Kurt Lewin, Vygotsky, James e Baldwin.

A área, portanto, coloca diversas perspectivas em diálogo, filosóficas, psicológicas e antropológicas, para as quais os objetos semióticos também se diferenciam, o que aponta para a multiplicação da unidade triádica dialógica na compreensão intersubjetiva do *Self*.

Embora a noção de multiplicação dialógica tenha emergido na área em um contexto de estudo diferente do tema de minha pesquisa — focalizando a relação psicologia e povos indígenas — recorro a ela porque é um recorte teórico-metodológico que privilegia a compreensão de conflitos que emergem dos diferentes

pontos de vista presentes em campos culturais diversos e que participam da construção do *Self*.

Do ponto de vista semiótico-construtivista na Psicologia Cultural, as trajetórias de vida do pesquisador e dos participantes podem se assemelhar em algum aspecto, bem como diferenciar em outros, pois cada um apresenta suas trajetórias próprias (Simão, Guimarães, Freitas, Bastos & Sánchez, 2016). Tanto aproximações quanto distanciamentos nas relações eu-outro, podem produzir experiências de ruptura para pesquisadores e participantes, e os resultados dessas experiências vividas podem permitir ou restringir interações entre eles. A elaboração dos significados emergentes em tais situações é uma tarefa importante no processo investigativo por promover uma tríade analítica significativa: experiência vivida, ruptura de expectativas e possibilidades de compará-las ou reinterpretá-las a partir de outras experiências ou teorias (cf. Simão et al. 2016).

Apresentarei alguns conceitos da área para explicitar o meu processo de formulação do objeto da pesquisa, sem, contudo, nessa introdução, avançar na discussão desses conceitos. Os conceitos da área serão retomados, de forma reflexiva, ao longo da tese. A utilização destes, nesse momento, se deve ao fato da perspectiva da pesquisadora sobre o trabalho estar, no momento da escrita dessa introdução, ancorada nas noções internalizadas ao longo dos 4 anos de estudo, de modo que não é mais possível uma exposição distanciada do repertório conceitual fundamental adotado pela pesquisadora.

Entendo que minha atitude de pesquisadora no campo de pesquisa e na interação com os participantes foi guiada pela compreensão das restrições impostas e das aberturas oferecidas pelas pessoas que aprovavam ou restringiam minha presença em alguma tarefa ou atividade. O pesquisador é uma parte incluída nas ações dos participantes, assim como o oposto também é verdadeiro (Bibace, Young, Herrenkhl & Wiley, 1999) em um campo cultural particular.

Também quanto a esse equilíbrio entre aproximação e distanciamento do pesquisador no campo de pesquisa, o pesquisador parte de uma posição que é sempre situada, um pesquisador seletivo, que faz um recorte do objeto de pesquisa, que traz concepções (cf. Gadamer, 2005; Simão, 2010) a partir de sua experiência vivida em um dado contexto histórico e cultural a partir de uma tradição. Entretanto, essas concepções não anulam o *Self* e nem pressupõe uma neutralidade no campo de pesquisa. Tomando essa concepção de ciclo

hermenêutico de Gadamer (2005), a antecipação de sentidos do pesquisador é parte inerente da compreensão hermenêutica, a partir da relação passado-futuro, mas as expectativas derivadas de contextos prévios de experiência podem ser rompidas, uma vez que há uma impossibilidade de repetição idêntica da experiência, abrindo espaço para a emergência do novo. A revisão das expectativas prévias não exclui, portanto, as preconcepções do pesquisador, mas permite que elas sejam discutidas de forma reflexiva e que permita a reformulação, se necessária, dos próprios conceitos teóricos e metodológicos utilizados ao longo do estudo, fechando-se o ciclo hermenêutico. E o conhecimento a ser construído na investigação de pesquisa se dá na interação entre pesquisadora e pesquisados, conforme proposto por Valsiner (1998), ao promover afastamentos e aproximações temporários, uma dupla afetação no tecido cultural. Então, a interação pesquisadora-participante no método APAC torna-se presente na produção de conhecimento nesse contexto institucional, assim como na transformação da própria pesquisadora em interação com as pessoas que cumprem pena.

Apresento melhor o percurso teórico-metodológico de construção da presente tese a partir de um diagrama. A figura 1, abaixo, foi elaborada para exemplificar como eu, enquanto pesquisadora, me situei intra e interpsicologicamente na relação com a Instituição APAC, entre a imaginação (meus pressupostos teóricos e memórias prévias com a Instituição como membro co-fundadora) e a percepção (experiências concretas que permitem novas memórias e observações), no desenvolvimento da presente pesquisa. O desenho do corpo humano me representa enquanto pesquisadora, um corpo sensível, figura antepredicativa que precede a possibilidade de uma nomeação pelo contexto cultural, um corpo que se constitui em um feixe de afecções (Viveiros de Castro, 1996).

O diagrama remete a compreensão dos processos intersubjetivos constituídos tanto na interação entre pessoas como em diferentes níveis intrapessoais na mesma pessoa. Os diálogos internos tomam parte da construção da intersubjetividade ao articular experiências interpessoais- perceptíveis e intrapessoais-imaginativas (cf. Vygotsky, 2001; Guimarães, 2013). Desse modo, no diagrama há dois eixos, vertical (que contempla minhas experiências intrasubjetivas de pesquisadora, a partir da imaginação) e o eixo horizontal (que diz respeito às experiências intersubjetivas que se dão no plano perceptivo). Entendo que, enquanto pesquisadora, produzo uma ação simbólica (cf. Boesch, 1991) que resulta em um produto cultural (no caso, a

tese), que emerge a partir de uma intervenção minha no mundo sensível, ao articular as memórias prévias e as reflexões teóricas com as vivências concretas na Instituição. Na integração entre a compreensão e a vivência encontra-se a zona de tensão que faz com que eu produza uma ação e um movimento de construção de conhecimento. A partir dessa tensão entre o fenômeno (tal como é apresentado, plano perceptivo) e o que está para além do fenômeno observado e descrito (posição teórica) é que se constrói a pesquisa, ao apontar para algo invisível no campo da experiência observável e descritível, mas que imagino, a partir das minhas memórias e reflexões. O diagrama é uma tentativa de expressar graficamente as tensões entre: 1- os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa; 2- as minhas memórias e reflexões prévias acerca do fenômeno; 3- o que os dados empíricos apontam; 4- e o sentido da experiência enquanto um resultante desse entrejogo, entre o que é vivido e a condição de abertura do pesquisador para o novo, a partir de algo já pressuposto.

Figura 1 - Trajetória de elaboração semiótica da minha experiência enquanto pesquisadora no campo institucional (adaptado de Guimarães, 2013).

Legenda:

- E- Tese (parte de uma intuição inicial que entra em tensão com o dado empírico, e, a partir dessa tensão, emerge um novo conhecimento)
- D- Reformulações teóricas, emergência de novos conceitos ou não, emerge a discussão dos resultados.
- C- Experiência situada, memórias prévias sobre o fenômeno, visitas e entrevistas realizadas em um estudo de caso;
- B- Discussão dos conceitos teóricos selecionados, Construtivismo-Semiótico-Cultural em Psicologia e como noção norteadora, a Multiplicação Dialógica.
- A- Projeto de Pesquisa (1º regulador semiótico).

Esse corpo sensível do pesquisador se constitui em um campo de múltiplas afecções, e que na medida em que as experiências se tornam mais regulares, elas balizam novas expectativas, e o campo de afecções se abre ainda mais (tal como aparece no diagrama, um corpo sensível e aberto às experiências intra e intersubjetivas). À medida que esse campo me oferece regularidade no fluxo das experiências, ele orienta e guia o meu estudo sobre o fenômeno. A pesquisadora,

enquanto um ser também sensível, regula essa sensibilidade a partir de algumas ações simbólicas.

O primeiro regulador que guiou a tese foi o projeto de pesquisa, a proposta de tese apresentada, um primeiro recurso que balizou meu ponto de vista intrasubjetivo e restringiu meu campo semiótico, a partir de pressupostos teóricos previamente selecionados. Esse primeiro recurso simbólico (descrito na figura 1 como A), o projeto, orientou minha relação com o campo cultural, com os outros no mundo e com o mundo da experiência. No processo de construção da tese, a partir desse projeto, lancei mão de outros recursos simbólicos como as noções teóricas selecionadas em um campo do conhecimento específico, Construtivismo-Semiótico-Cultural em Psicologia, sendo a noção de Multiplicação Dialógica norteadora da pesquisa. Leituras que ao embasar a pesquisa (B), favoreceram a compreensão da experiência situada (C), o estudo de caso realizado no contexto institucional APAC, meu contato e história anterior com a Instituição penal, bem como visitas periódicas e entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa. Por fim, a discussão dos resultados emergiu a partir da possibilidade das reformulações teóricas (D), no processo de discussão dos dados empíricos produzidos nessa experiência situada, uma análise interpretativa dos dados empíricos, que promoveu a emergência de novos constructos, como o *Self Institucional* (que será apresentado nas discussões finais), a partir da sofisticação da noção de Multiplicação Dialógica no contexto institucional de análise, e incorporação dos aspectos institucionais e dos circuitos de poder na compreensão do fluxo da experiência institucionalizada na área de pesquisa “problemas teóricos e metodológicos na pesquisa em Psicologia” a partir do diálogo com outras teorias e pressupostos teóricos; para produzir um produto cultural- a Tese (E). Assim, a elaboração da tese que foi balizada por reflexões e experiências iniciais que entraram em tensão com o dado empírico, e, a partir dessa tensão busquei realizar uma discussão teórica, visando a emergência de um novo conhecimento para a área em que a pesquisa está inserida.

Os reguladores e ações simbólicas aqui descritos e discutidos conduziram um processo de mediação na construção da tese, que ocorreu, à medida em que surgiu um desencaixe entre o que observei em campo e o que li, assim como minhas preconcepções e minhas expectativas, entre a ‘percepção’ e a ‘imaginação’, que guiaram a emergência de novidade na construção de conhecimento sobre o papel que a Instituição e os conflitos interpessoais ocupam na construção da pessoa. As

divergências entre os recursos simbólicos trazidos pelos membros da Instituição durante a realização da pesquisa e por mim na condição de pesquisadora balizaram o entendimento sobre as relações e conflitos no contexto institucional APAC e as discussões teórico-metodológicas nesse campo de pesquisa, a partir dos resultados empíricos selecionados para essa tese.

Com a realização deste estudo, procurei produzir aprofundamentos teórico-metodológicos emergiram à luz das noções de *Self* e experiência institucionalizada. Parti do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia enquanto recurso teórico-conceitual, articulando-o à metodologia da participação observante (que será explicitada no campo metodologia, página 58) como proposta observacional que me favoreceu a realização de um estudo de caso. O estudo de caso, por sua vez, viabilizou a articulação entre estratégias de análise e interpretação, considerando as antinomias e aspectos expressivos que emergiram nos enunciados das pessoas participantes, que foram organizados em campos-tema (contribuições de Peter Spink). Recorri também a Baremlitt, teórico do campo da Psicologia Institucional, a Foucault e Clegg como possibilidade de compreender os aspectos institucionais e suas implicações ao *Self*. Considero que estas escolhas teóricas e metodológicas organizadas e reorganizadas ao longo do trabalho tornou possível uma reflexão sobre o processo de construção dos dados empíricos na perspectiva do pesquisador, e no seu próprio método, concomitantemente repensado com a execução da pesquisa de campo.

Esta tese está organizada em cinco capítulos, sendo eles:

- O primeiro capítulo será dedicado a apresentação do percurso pessoal da pesquisadora, a formulação do objeto de estudo, bem como uma descrição da sociogênese deste objeto;
- O segundo capítulo descreverá a metodologia utilizada, contendo a descrição da participação observante (cf. Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011) enquanto recurso metodológico, o estudo de caso, seus participantes e os procedimentos utilizados para a construção dos dados empíricos e análise dos resultados;
- O terceiro capítulo abordará a experiência institucionalizada no sistema prisional APAC, a partir da apresentação e discussão dos resultados empíricos selecionados no estudo, priorizando as tensões dialógicas que mais emergiram nas relações interpessoais, intrapessoais e na experiência da pessoa a partir da relação

estabelecida por ela no sistema prisional convencional e na APAC, bem como as múltiplas perspectivas institucionais que constituem a experiência no método APAC e a emergência das práticas singulares deste contexto institucionalizado;

_ O quarto capítulo trará uma discussão sobre a noção de *Self* Institucional, enquanto um constructo teórico-conceitual que trata das relações da pessoa em meio a diversas instituições na vida cotidiana. Abordarei os aspectos institucionais e circuitos de poder que balizam a construção cultural do *Self*, a partir do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, mas recorrendo também a autores como Foucault, Clegg e Barembliitt, que abordam questões atinentes à compreensão da experiência institucionalizada;

_ O quinto capítulo trará as considerações finais, seguidas pelas referências, diário de campo e transcrição das entrevistas.

Nessa direção, apresento, a seguir, uma discussão sobre a construção social da prisão como pena no contexto ocidental, um dos pontos de partida de reflexões que se seguirão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma proposta dialógica de pesquisa, compreendo que o estudo de caso aqui realizado permitiu a emergência de novidades na construção de conhecimentos ao permitir um movimento recursivo e circular de confrontação entre as informações levantadas em campo e as análises teórico-metodológicas que constituem o ciclo hermenêutico: levantamento de dados empíricos – análise - interpretação- e explicitação. Uma vez que a construção de significados emerge das interações da pessoa com seu contexto sociocultural e afetivo, o estudo de novos casos ilustra e canaliza a compreensão destes processos a partir das mediações semióticas, favorecendo questionamentos e reformulações, quando necessárias, das próprias noções teórico-metodológicas utilizadas, a partir dos dados empíricos, da situação extraverbal observada e interpretada.

Considero, ainda, que dada a natureza dialógica da pesquisa, que demanda a construção de compartilhamentos intersubjetivos entre pesquisadora e participantes da pesquisa, a realização da investigação empírica em uma Instituição na qual eu já possuía alguma familiaridade foi valiosa ao estudo por favorecer acesso à Instituição e às relações extraverbais concretas que se dão na rotina diária das pessoas.

As entrevistas semiestruturadas se encaixaram como uma oportunidade não apenas para que eu pudesse obter informações acerca do entrevistado e sua rotina na Instituição, suas construções de sentido e as diferentes perspectivas socioculturais nesse contexto de vida institucionalizada, mas também me favoreceu o compartilhamento dialógico de experiências no mundo sensível do contexto institucional para a pesquisadora e os participantes, a partir da multiplicação dialógica, noção norteadora da tese.

A abordagem teórico-metodológica do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, e, mais especificamente, a partir da noção de multiplicação dialógica enquanto norteadora dos processos analíticos e interpretativos da pesquisa, me auxiliou na compreensão dos múltiplos posicionamentos existentes no contexto institucional APAC e como essas tensões interpessoais tomam parte na construção da pessoa que cumpre pena, a partir da análise das múltiplas perspectivas em relação no diálogo institucional.

Além disso, discutir o papel do contexto institucional nos processos intra e intersubjetivos de construção da pessoa favorece a sofisticação e a ampliação desta noção para outros contextos de interação nos quais as relações de poder e os papéis institucionais balizam as trocas dialógicas e favorecem novas construções de conhecimento. A multiplicação dialógica canalizou a análise das múltiplas perspectivas socioculturais que tomam espaço conjuntamente com as negociações de sentido acerca de um fenômeno-tema. Os campos interativos e socioculturais específicos, tais como a APAC enquanto uma Instituição prisional, a família, a sociedade, promovem cada qual uma perspectiva de posicionamento para o *Self* da pessoa, uma vez que cada um deles disponibiliza contextos de interação eu-outro distintos e que definem posições possíveis para a pessoa. Entendo, portanto, que a noção de dialogicidade possibilitou compreender os processos de construção de sentidos, evidenciando as tensões e antinomias entre os selves em interação, a partir das assimetrias do diálogo, estruturadas em relações de poder que podem inibir e silenciar certas vozes no discurso.

A partir da análise dos empíricos, observei que o método APAC favorece a emergência do significado de 'um período de revisão de vida' para o cumprimento de pena, a partir de uma proposta de assistência jurídica, à saúde, social, material e religiosa prevista na Lei de Execução Penal Brasileira. Verifiquei que se trata de uma intervenção psicossocial que busca cumprir com os pressupostos previstos na LEP e que visa uma mudança no curso de vida de quem cumpre pena, fundamentada em preceitos religiosos do Cristianismo. Entretanto, ela promove assistência espiritual conforme a crença expressa por cada pessoa, sem se caracterizar uma Instituição religiosa, mas uma política pública vinculada ao Tribunal de Justiça do Estado. Alguns princípios religiosos cristãos, como 'a amor e a misericórdia' aparecem implicitamente nas relações institucionais que demonstram nas relações estabelecidas entre funcionários/diretoria e pessoas em cumprimento de pena/familiares o respeito e o entendimento que todas as pessoas podem 'errar' (do ponto de vista penal e também religioso) em alguma circunstância, mas não deixam de ser merecedoras de uma oportunidade para ressignificar sua trajetória de vida, de um acolhimento e uma escuta, conforme a história de vida singular desta pessoa.

Constatei a partir dos dados empíricos (verbais e extraverbais que emergiram no contexto institucional) que a Instituição APAC oferece uma oportunidade para ressignificar a trajetória de vida da pessoa que cumpre pena e construir novas expectativas para o futuro, bem como buscar por uma inserção social a partir do fortalecimento ou resgate de vínculo familiar e do convívio e participação da comunidade local na administração da própria Instituição. Romper com o discurso autoritário e excludente da execução penal tradicional, tal como pressupõe o método APAC de Execução Penal, fomenta uma subversão ao sistema prisional ao abrir mão de escolta e agentes de segurança armada, e constitui um sistema aberto que permite uma coparticipação e coautoria da pessoa que cumpre pena na administração e fiscalização da própria Instituição Penal APAC, que, por sua vez, evoca a autonomia e a liberdade como valores, como signos hipergeneralizados (cf. Valsiner, 2012a) na regulação semiótica afetiva.

Considerando que toda cognição de um fenômeno envolve a relação afeto-cognição (cf. Guimarães, 2013), as cognições estão sempre vinculadas às percepções e às imaginações. A partir do dialogismo, entendo que se a pessoa apresenta seus próprios afetos e cognições, não há como compreendê-la no contexto institucional sem se colocar nesse mesmo contexto de diálogo e de

experiências. A partir dessa abordagem dialógica, entendo que pela linguagem verbal não há acesso à compreensão da significação do fenômeno para o outro, apenas pela compreensão das pessoas em relação, ou seja, das relações concretas que se dão no campo de pesquisa. Essa relação extraverbal é que potencializa a análise do enunciado, da relação afeto-cognição que perpassa o fenômeno expresso pela pessoa. A situação extraverbal diz do compartilhamento entre interlocutores do diálogo e também à aquilo que permanece inacessível ao Outro na relação com a alteridade. Estar no contexto institucional com as pessoas que cumprem pena, nesse sentido, viabilizou o acompanhamento de relações concretas entre as pessoas que produzem os enunciados e, ao acompanhá-las, ser uma participante observante. Participar das atividades laborterapêuticas e reuniões/visitas de familiares, do acolhimento de pessoas recém-ingressas ao método, bem como das atividades profissionalizantes e dos intervalos entre essas atividades, com uma experiência preliminar de uma co-fundadora da unidade, permitiu uma abertura para compartilhamento de experiências institucionais singulares e, a partir dessas experiências concretas, realizar as minhas discussões e aprofundamentos teórico-metodológicos.

Constatei que, para além os muros das instituições penais, as pessoas compartilham significados da experiência com a sociedade, constituindo a cultura coletiva, e internalizam e significam tais aspectos na cultura pessoal. A experiência singular dessas pessoas extrapola as formas mais cristalizadas de um viver institucionalizado e os recursos semióticos emergem para dar sentidos diversos a experiência. Na busca por resoluções integrativas da experiência ao *Self*, emerge o *Self Institucional*, um constructo que diz de uma subjetivação construída em contextos relacionais e institucionais na vida cotidiana que se baliza por valorações e direcionamentos histórico-culturais, mas que se constitui em um sistema aberto que lhe favorece autonomia para transformar as experiências vividas em processos e rituais criativos, mais facilmente elaborados pela pessoa, em um movimento constante de transformação simbólica.

Entender essas tensões dialógicas na experiência institucionalizada na vida cotidiana, que emergem entre posições pessoais e institucionais, potencializa a emergência de novos aspectos teóricos e metodológicos no aprofundamento das noções conceituais da área de pesquisa (Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, em especial a noção de Multiplicação Dialógica), bem como avanços no

diálogo com outras áreas do conhecimento, uma vez que o *Self* se constrói no plano histórico-cultural, afetivo-cognitivo e relacional-social das experiências singulares que emergem da vida cotidiana e que se articulam aos processos de construção de sentidos e ações simbólicas que potencializam o curso da ação em uma ou outra direção ou a um reposicionamento do *Self* diante dos conflitos e tensões dialógicas nas relações eu-outros-instituições.

ENTRE a vida institucionalizada nas Instituições totais e a experiência criativa do *Self* no mundo com os Outros, emerge o *Self* Institucional enquanto uma fronteira entre esses dois extremos, a partir da vida cotidiana, que também se configura uma Instituição, mas que permite modos de subjetivação na busca por uma saída integrativa para as tensões dialógicas que emergem nas relações intra e interpessoais da Instituição da vida cotidiana e que se tornam dimensões constitutivas do *Self* a partir dos circuitos de poder e dos aspectos institucionais que tomam parte na construção cultural do *Self*.

Os aspectos institucionais e os conflitos dialógicos na Instituição podem restringir ou favorecer o potencial de ação das pessoas durante uma experiência institucionalizada. O *Self Institucional*, enquanto um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contempla as dimensões institucionais, corresponde a uma noção a ser aprofundada em estudos posteriores, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais articulados à experiência institucional.

Referências¹

- Achatz & Guimarães (2016). Psicologia e povos indígenas: possibilidades e limites na produção de espaços dialógicos. *Relatório de Iniciação Científica*, Universidade de São Paulo/SP.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo/SP: Martins Fontes.
- Baldwin, J. M. (1909/1990). *The Influence of Darwin on Theory of Knowledge and Philosophy*. *Psychological Review* 16: 207 - 218. disponível em: http://www.brocku.ca/MeadProject/Baldwin/Baldwin_1909.html acesso em: 23/12/2010.
- Baremblytt, G. F. (1996). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.
- Bastien, S. (2007). Observation participante ou participation observante? Usages et justifications de la notion de participation observante en sciences sociales. *Université de Caen Basse-Normandie*, 27 (1), 2007, pp. 127-140. ISSN 1715-8705 - <http://www.recherche-qualitative.qc.ca/Review.html>.
- Beraldo, J. G. (1992). *A mensagem do Movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Berger, P.; & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes (Original publicado em 1985).
- Bibace, R., Young, S., Herrenkehl, L., & Wiley, A. (1999). An introduction to partnership in research: Changing the researcher-participant relationship. In R. Bibace, J. J. Dillon, & B. Dowds (Eds.), *Partnerships in research, clinical and educational settings* (pp. 3–14). Norwood, NJ: Ablex.
- Bitencourt, C. R. (2004). *Falência da Pena de Prisão*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Boesch, E. E. (1984). The development of affective schemata. *Human Development*, 3-4, 173-183.
- Boesch, E. E. (1991). *Symbolic action theory and cultural psychology*. Berlin-Heidelberg: Springer-Verlag.
- Boesch, E. (1997). Reasons for a symbolic concept of action. *Culture & Psychology*, 3(3), pp. 423-431.

¹ De acordo com o estilo APA- American Psychological Association

- Branco, A. & Madureira, A.F. (2008). Dialogical Self in action: The emergence of Self-Positions among complex and cultural dimensions. *Estudios de Psicología*, 29(3), 319-332.
- Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado.
- Cabral, Y. T.; Medeiros, B. A. de (2014). A família do preso: efeitos da punição sobre a unidade familiar. *Revista Transgressões: Ciências Criminais em Debate*, 2 (1), 50-71.
- Carvalho Filho, L. F. (2002). *A prisão*. São Paulo: Ed. Publifolha.
- Celeti, F. R. (2012). Origem da Educação Obrigatória: um olhar sobre a Prússia. *Revista Acadêmico*, 13, junho.
- Clegg, S. (1989). *Frameworks of Power*. By Stewart R. Clegg. London: Sage. 272p.
- Clegg, S. (1990). *Modern organizations: organization studies in the postmodern world*. By Stewart R. Clegg. London ; Newbury Park : Sage Publications.
- Clegg, S. (1992). Modernist and postmodernist organization. In G. Salaman, S. Cameron, H. Hamblin, P. Iles, C. Mabey & K. Thompson (Eds.). *Human Resource Strategies*. Sage: London.
- Crossley, N. (1996). *Intersubjectivity: The fabric of social becoming*. Londres: Sage Publications
- Conselho Federal de Psicologia (2010). *Resolução CFP Nº 009/2010*. Regulamenta a atuação do psicólogo no sistema prisional. Brasília/DF. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2010/07/resolucao2010_009.pdf.
- Decreto-Lei nº 2.848 de 07.12.1940*. Código Penal Brasileiro. Presidência da República. Casa Civil (1940). Acesso em 02 de abril de 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm.
- Fávero, M. H. (2005). Desenvolvimento psicológico, mediação semiótica e representações sociais: por uma articulação teórica e metodológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(1), 17-25.
- Ferreira, V. A. (2016). *Juntando os cacos, resgatando vidas: valorização humana-base do método APAC e a viagem ao mundo do prisioneiro: psicologia do preso*. Belo Horizonte: O lutador.
- Figueiredo, Luis Cláudio Mendonça (2002). *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Educ/Escuta. Original publicado em 1994.

- Figueiredo, Luis Cláudio Mendonça (2008). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*, 4ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes.
- Foucault, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Trans. A. M. Sheridan Smith. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Foucault, M. (1979/1997). *Microfísica do Poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- Foucault, M. (1985a). História da sexualidade I: A vontade de saber. In M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque (Trans.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (L. M. P., Vassalo Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975/1976)*. (M. E. Galvão Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Gadamer, Hans-Georg. (2005). Verdade e método. F. P. Meurer & E. P. Giachini (Trans.). 7. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: EDUSF.
- Gillespie, A. & Martin, J. (2014). Position Exchange theory: a socio-material basis for discursive and psychological positioning. *New Ideas in Psychology*, 32, pp. 73-79. Elsevier journal homepage: www.elsevier.com/locate/newideapsych.
- Gondim, V. C. de S. (2007). A ressocialização do encarcerado como questão de responsabilidade social. *Revista de Ciências Penais*, São Paulo, 6 (4), 353-378.
- Goffman, E. (1961). Manicômios, prisões e conventos. *Coleção debates*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organisation of experience*. New York: Harper and Row.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Grossen, M., & Salazar Orvig, A. (2011). Dialogism and dialogicality in the study of the self. *Culture & Psychology*, 17(4), 491–509.
- Guimarães, D. S. (2013). Self and dialogical multiplication. *Interacções*, 24, 214-242.
- Guimarães (2015). Temporality in cultural trajectories: A psychological approach on semiotic constructions. In L. M. Simão, D. S. Guimarães, & J. Valsiner (Orgs). *Temporality: Culture in the flow of human experience*. (pp. 331-358). Charlotte, NC: IAP- Information Age Publishing.

- Guimarães, D. S. & Nash, R. (submetido). O que nos comunica o ritmo? Reflexões à partir do construtivismo semiótico-cultural em psicologia. *Revista Interações*. Portugal.
- Guimarães, D. S.; Cravo, A. M. (2015). Understanding others without a word: articulating the Shared Circuits Model with Semiotic-Cultural Constructivist psychology. In: Zachary Beckstead. (Org.). *Cultural Psychology of Recursive Processes* (pp. 143-160). Charlotte, NC: IAP - Information Age Publishing.
- Guimarães, D. S. (2016). *Descending and ascending trajectories of dialogical analysis: seventh analytic interpretation on Angel's short story*.
- Guirado, M. (2012). *Psicologia Institucional*. São Paulo: EPU.
- Habermas, J. (1988). *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- Hermans, H.J.M, Kempen, H.J.G., & Van Loon, R.J.P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Human Rights Council (2014). Promotion and protection of all human rights, civil, political, economic, social and cultural rights, including the right to development. *Report of the Working Group on Arbitrary Detention*. Mission to Brazil: Twenty-seventh Session. Available in: bit.ly/1skxNTg.
- Ingold, T. (2000). *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. Oxon and New York. Routledge.
- James, W. (1983). *The Scope of Psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press. Publicado originalmente em 1890.
- James, W. (1990). *The principles of psychology*. New York: Cosimo Classics. (Original publicado em 1890).
- James, W. (1995). *The varieties of religious experience: a study in human nature*. New York: Modern Library.
- Joas, H. (1985/1997). *G. H. Mead, a contemporary re-examination of his thought, 1863-1931*. Cambridge, MA: First MIT Press Paperback. (Original publicado em 1985)
- Lewin, K (1978). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix
- Lei No. 7210, de 11 de julho de 1984. Lei de Execução Penal Brasileira. Presidência da República. Casa Civil. (1984). Acesso em 02 de abril de 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm.
- Lima, T. S. (1996). O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Mana*, 2(2): 21-47.

- Malfitano, A. P. S. & Marques, A. C. R. (2011). A entrevista como método de pesquisa com pessoas em situação de rua: questões de campo. *Revista Cadernos de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos*, 19 (3), p. 289-296.
- Marková, I. (2003). Constitution of the self: intersubjectivity and dialogicality. *Culture & Psychology*, 9(3), 249-259.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente* (Trad. Filho, Hélio Magri). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2003).
- Marková, I., & Gillespie, A. (Eds.). (2012). Trust and conflict: Representation, culture and dialogue. New York, NY, US: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Marsico, G. & J. Valsiner (2015). *Striving for the new: Cultural Psychology as a Developmental Science*.
- Massola, G. M. (2005). *A subcultura prisional e os limites da ação da APAC sobre as políticas penais públicas: um estudo na Cadeia Pública de Bragança Paulista*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mattos, E. (2016). A mediação semiótica da “responsabilidade”: um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. *Revista Psicologia USP*, 27 (2), pp. 179-188
- Mead, G. H. (1934/1992). Part III: The Self. In Morris, W. C. (Eds). *Mind, Self and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist* (pp. 135-226). London: University of Chicago Press. Original publicado em 1934.
- Ministério da Justiça (2017). Levantamento de Informações Penitenciárias-INFOPEN. <http://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>.
- Morais, H. & Guimarães, D. S. (2015). Borders of Poetic Self construction: dialogues between Cultural Psychology and a Performing Arts. *Psychology & Society*, 7 (2), 28-39.
- Miranda, S. L. (2015). A construção de sentidos no Método de Execução Penal APAC. *Revista Psicologia & Sociedade*, 27 (3), 660-667.
- Moore, H.; Jasper, C. & Gillespie, A. (2011). Moving between frames: the basis of the stable and dialogical self. *Journal Culture & Psychology*, 17 (4), 510-519. DOI: 10.1177 / 1354067X11418542
- Muakad, I. B. (1996). *Pena Privativa de Liberdade*. São Paulo: Atlas.
- Oliveira, C. S. (2008). *De pessoa em cumprimento de pena a recuperando: convergência entre LEP e método APAC*. Dissertação de Mestrado.

Universidade do Estado de Minas Gerais, Fundação Educacional de Divinópolis, Divinópolis/Minas Gerais.

- Oliveria Júnior, J. A. D. de; & Sousa, C. (2012). Crítica a educação na contemporaneidade. *Universidade Gama Filho*, Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior. Porto Alegre/RGS.
- Oliveira, M. C. S. & Guimarães, D. S. (2016). Dossiê: Psicologia Dialógica: Psicologia USP. 27, pp. 165-167.
- Ottoboni, M. (1997/2001). *Ninguém é irrecuperável: APAC, a revolução do sistema penitenciário*. São Paulo: Editora Cidade Nova (Trabalho original publicado em 1997).
- Ottoboni, M. (1978/2001). *Vamos matar o criminoso? Método APAC*. São Paulo: Editora Paulinas. Publicado originalmente em 1978.
- Pereira, W. C. C. (2007). Movimento institucionalista: principais abordagens. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7 (1), 6-16, UERJ, Rio de Janeiro.
- Petrini, J. C. (2003). *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. Bauru: EDUSC.
- Prado, L. R. (2008). Curso de Direito Penal Brasileiro. *Revista dos Tribunais*, São Paulo.
- Rommetveit, R. (1979). On negative rationalism in scholarly studies of verbal communication and dynamics residuals in the construction of human intersubjectivity. In R. Rommetveit, & R. Blakar (Orgs.) *Studies of language, thought and verbal communication* (pp. 147-161). London: Academic Press.
- Rommetveit, R. (1992). *Outlines of a dialogically based socio-cognitive approach to human cognition and communication*. In A. H. Wold (Ed.). *The dialogical alternative: Towards a theory of language and mind* (pp.19-44). Oslo. Scandinavian University Press.
- Rothman, D. J. (1998). Perfecting the prison: United States, 1789-1865. In Morris, N.; Rothman, D. J. (Eds.). *The Oxford history of the prison: the practice of punishment in Western Society* (pp.100-116). New York: Oxford University Press.
- Salgado, J., & Clegg, J. (2011). Dialogism and the psyche: Bakhtin and contemporary psychology. *Culture & Psychology*, 17(4), 421-440.
- Santos, L. C. R. (2012). Da assistência- Os artigos 10 e 11 da LEP: O método APAC e seus doze elementos. In *Minas Gerais, Tribunal de Justiça*. J. R. Silva (Org.) *A Execução Penal à Luz do Método APAC*. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça de Minas Gerais, pp.37-53.

- Silva, A. C. da (2009). *Sistemas e regimes penitenciários no direito penal brasileiro: uma síntese histórico-jurídica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá/Paraná.
- Silva Júnior, A. C. da Rosa (2013). Ressocialização de presos a partir da religião: conversão moral e pluralismo religioso na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC). *Revista PLURA, Revista de Estudos de Religião*, 4 (2), 71-98.
- Simão, L.M. (1988/1989). *Interação verbal e construção de conhecimento*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Simão, L. M. (2010). *Ensaio dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro*. São Paulo: Hucitec.
- Simão, L. M. ; Guimarães, D. S. ; Freitas, D. F. C. L. ; Bastos, S. ; Sanchéz, H. (2015). *Researcher-Participant Relationships in Different Settings: Theoretical and Methodological Issues Within the Framework of Semiotic-Cultural Constructivism*. In Meike Watzlawik; Alina Kriebel; Jaan Valsiner. (Org.). *Particulars and Universals in Clinical and Developmental Psychology: Critical Reflections - A book honoring Roger Bibace*. Charlotte, NC: Information Age Publishing, pp. 247-269.
- Simão, L. M. (2015). Culture as a Moving Symbolic Borders. *Integrative Psychological and Behavioral Science*. Online First. DOI 10.1007/s12124-015-9322-6.
- Souza, R. F. (2011). George Herbert Mead: contribuições para a história da Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*; 23 (2), pp. 369-378.
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construtivista. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *Psicologia & Sociedade*; 15 (2), 18-42.
- Tribunal de Justiça de Minas Gerais (2011). *A execução penal à luz do método APAC* (J. R. Silva Org.). Belo Horizonte: TJMG.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind: A sociogenetic approach to personality*. Cambridge, MA: Havard University Press.
- Valsiner J. (2007a). *Culture in minds and societies: Foundations of cultural psychology*. New Delhi: Sage.
- Valsiner, J. (2007b). Human Development as Migration: Striving toward the unknown. In: Simão, L. M. & Valsiner, J. (Eds.). *Otherness in Question: Labyrinths of the self* (pp.349-378). Charlotte: Information Age Publishing.
- Valsiner, J. (2012a). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. (Bastos, A. C. de S. Trad.). Porto Alegre: Artmed.

- Valsiner, J. (2012b). *A guided Science: History of Psychology in the mirror of its making*. New Brunswick (USA) and London (UK): Transaction Publishers
- Viveiros de Castro, E. B. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, 2(2): 115-144.
- Viveiros de Castro, E. B. (2004). Perspectival Anthropology and the method of controlled equivocation. *Keynote address to the 2004 Meeting of the Society for the Anthropology of Lowland South America (SALSA)*. Miami: Florida International University.
- Viveiros de Castro, E. B. (2006). *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia* (2a ed.). São Paulo: Cosac Naify.
- Vygotsky, L. S. (2001). Conferencias sobre psicologia. In: Vygotsky, L. S. (2001). *Obras ecogidas II* (pp. 351-401). Madrid, Spain: A. Machado Libros, S. A. (Original work published in 1930).
- Zainab, B. (2008). The essence of war. In B., Zainab. *Rituals of war: the body and violence in Mesopotamia* (pp. 207- 223). Cambridge, Massachusetts, and London, England.
- Zittoun, T., Duveen, G., Gillespie, A., Invision, G., & Psaltis, C. (2003). The use of developmental resources in developmental transition. *Culture & Psychology*, 9 (4), 415-448.
- Zittoun, T. (2006). *Transitions: Development through symbolic resources*. Greenwich, CT: InfoAge.
- Zittoun, T. (2007). Symbolic resources and responsibility in transitions. *Young*, 15, 193-211.
- Wertsch, J. V. (1993). *Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action*. Havard University Press.